



# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017  
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

MESA TEMÁTICA 5 - ARTETERAPIA E DIVERSIDADE I

## 3 – O CAMINHO DE AVALON: SIMBOLOGIA E AMPLIFICAÇÃO SIMBÓLICA

Maria Rosa Furtado Alfena<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho destina-se a uma abordagem de vários símbolos encontrados ao longo da leitura da ‘saga Avalon’ de Marion Zimmer Bradley e Diana L. Paxson, onde lendas, mitos e história relacionados ao povo celta se mesclam. Uma breve amplificação simbólica destes símbolos é desenhada e o pano de fundo encontrado foi o processo de individuação, o resgate do feminino ferido e a busca da alteridade ou o encontro com o Graal.

**Palavras-chave:** Individuação. Feminino Ferido. Matriarcado. Patriarcado. Alteridade

### 1 – INTRODUÇÃO

Visitar toda a saga de Bradley e Paxson é uma longa jornada – são doze títulos que nos transportam de regresso ao mundo de Avalon, iniciando nas terras submersas de Atlântida. Bolen (1996), citando Campbell, comenta: “Você pega uma história tradicional e a interpreta – confere a ela uma nova dimensão e um novo sentido de acordo com as condições de sua época.” (p. 119). E este é o propósito final deste trabalho, conferir à busca de **Avalon** um sentido de um caminho para o resgate do feminino, alijado na vida de muitas mulheres e, através dos ensinamentos e esforços das sacerdotisas de Avalon marcados em nosso inconsciente coletivo, encontrar pistas para percorrer este caminho.

Avalon, em termos psicológicos, é um outro mundo arquetípico ou um reino da mãe e só pode ser alcançada por quem consiga chamar a barca. Avalon nos transporta de nossa realidade cotidiana a um reino arquetípico mais profundo, em que sentimos ou percebemos imagens e sentimentos, intuições ou sensações que normalmente não teríamos. Deixamos o mundo real para trás e nos aventuramos em um outro mundo. Em algum ponto dentro de nós, conhecemos uma época em que o princípio feminino prevalecia, uma época da Deusa, da consagração da sexualidade e da fertilidade, do

nosso vínculo com a terra (BOLEN, 1996, p. 117).

Durante a leitura de toda a saga podemos encontrar muitos símbolos, os quais podem nos apoiar e guiar quando empreendemos uma jornada em busca do desenvolvimento de nossa consciência matriarcal, do nosso feminino, especialmente quando partimos de uma história de feminino ferido, e esta, decerto, será uma jornada heróica. Cada símbolo reflete uma pista para o enfrentamento da jornada feminina rumo ao resgate do feminino ferido ou para o encontro de sua *anima*, no caso do caminhante ser um homem.

### 2 – SÍMBOLOS RELACIONADOS AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O povo celta valorizava profundamente a ligação da mulher com a deusa, do homem com a divindade, do céu com a terra. “Os Ancestrais de Avalon” trazem uma descrição deste **eixo** de ligação céu x terra.

Fechando os olhos, ela deixou que seus sentidos se infiltrassem para o interior da terra, fixando-se cada vez mais profundamente, e

<sup>1</sup> **Maria Rosa Furtado Alfena** – Médica, Psiquiatra, Arteterapeuta, Especialista em Adições (UNIFESP), Especialista em Arteterapia (UNIP), Especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fada e Psicologia Analítica (UNIP).

sentindo as correntes rodopiantes de energia à medida que elas se irradiavam em todas as direções... Contudo, ainda com maior intensidade ela sentiu a vitalidade que se encrespava em ondas no solo sob seus pés, fluindo para cima por seu corpo até que seus braços, mais uma vez, se levantaram por si só e se estenderam em direção aos céus, tornando-a um conduto vivo entre a terra e o céu (BRADLEY E PAXSON, 2005, p. 159).

O desdobramento deste conceito, ainda na mesma obra, nos aproxima da idéia do **casamento** sagrado que dá origem ao mundo:

No nível mais alto, só existe o Uno, não manifestado, assexuado, que tudo abarca, auto-suficiente. Mas, quando só o que existe é Ser, não há ação. O Uno torna-se Dual, e os dois interagem para levar o espírito a manifestar-se. A força feminina desperta a masculina, ele a fecunda e ela dá à luz o mundo... (BRADLEY E PAXSON, 2005, p. 175).

Alvarenga reforça a ideia do casamento sagrado e da conexão ego-Self: “[...] acessar a Sabedoria Profunda e alcançar a compreensão simbólica do texto da própria vida. Essa compreensão devolve a criatura a si mesma, refaz a conexão com o Self, propicia a *coniunctio* simbólica consigo mesmo como um casamento” (ALVARENGA, 2008, p. 48).

Estes **opostos em equilíbrio** correspondem à integração ego x Self ou *anima x animus* ou ainda ao próprio Graal. Este conhecimento intuitivo já era conhecido do ‘povo antigo’ (os atlantes) e foi duramente preservado pelo povo celta durante a dominação romana. Veremos, a seguir, uma pequena lição de sabedoria – “Procure se lembrar de uma coisa: para viver, você precisa de todas as experiências. Algumas acontecerão em glória e beleza, outras em dor e sob a aparência de feiura. Mas [...] tudo existe. A vida consiste de opostos em equilíbrio” (BRADLEY, 1987, p. 115).

Finalizando, encontramos em Alvarenga (2008), a síntese desta ideia – “A integração estruturante dos arquétipos *animus-anima* só será viabilizada em uma relação de simetria com o outro, concreto ou simbólico” (p. 41). Prosseguindo, a autora esclarece ainda mais sobre o desafio dos ‘novos tempos’, tempos pós-dominância patriarcal, aquela iniciada à época da dominação romana do povo celta, ainda presente para muitas mulheres – “O desafio do herói-heroína dos novos tempos, dinâmica do Coração, será transcender a polaridade herói-dever, heroína-acolhimento para tornar-se o herói-heroína-amante-amado”(p. 41).

Para iniciar esta jornada precisamos chamar a **barca** para alcançar Avalon. Precisamos de um chamado para acessarmos nosso inconsciente. Segundo Chevalier (2003), “A barca é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos.” (p. 121) e, ainda de

acordo com o mesmo autor, “Na Irlanda, [...]ela é o símbolo e o meio de passagem para o Outro-Mundo” (p. 121).

Embora esta jornada seja solitária, para que se configure em êxito, será imprescindível a presença de um guia que nos dará apoio. Metaforicamente, encontramos no **cajado** este apoio: “Eu sou o Vento do Tempo, Dia eterno, / Eu sou o cajado da vida, eu sou o Caminho; / Eu sou o Verbo do Poder, a fagulha original, / Ato de ignição e movimento em seu arco; / Eu sou o Pai Cósmico, cetro radiante, / Fonte de energia, a semente de Deus!”(BRADLEY, 1997, p. 220).

Somos dotados do nosso livre arbítrio ao fazer nossas escolhas, ao escolher nosso **caminho** – “Se um homem encontra o bem ou o mal depende dos deuses que determinaram seu destino, mas cada homem e cada mulher tem liberdade para converter em felicidade ou infortúnio o que lhe foi concedido”(BRADLEY, 1987, p. 105). Em “Os Corvos de Avalon” encontramos a seguinte orientação– “Acho que é mais provável que quem acabe encontrando o caminho seja você. Mas preste atenção para não se esquecer do caminho de volta” (BRADLEY E PAXSON, 2007, p. 120). E, ainda, uma profecia – “O caminho só pode ser encontrado quando a alma está pronta” (p. 121). Este mesmo sentido pode ser depreendido do verso a seguir, na mesma obra: “Pela terra e pela água, pelo fogo e pelo ar, / O círculo do desejo nós estamos a traçar. / Entre o dia e a madrugada, / Entre os mundos encontramos a estrada!” (p. 149).

Algumas vezes não compreendemos bem as razões pelas quais seguimos um ou outro caminho; não entendemos o sentido de nossas jornadas ou não conseguimos enxergar com clareza o destino de nossa caminhada. Em “A Sacerdotisa de Avalon” a Deusa dos Caminhos norteia nossas trilhas: “Procurando as antigas vias, / Procurando o Caminho da Luz, / Ora a noite cede o passo ao Dia, / Ora o Dia se torna igual à Noite...” (BRADLEY E PAXSON, 2001, p. 82). Uma vez mais, no mesmo título, coroando nossos caminhos, encontramos: “Mas foi-nos ensinado que, muitas vezes, as Suas razões para colocar os nossos pés num determinado caminho só se entendem quando chegamos ao final...” (p. 92).

Os celtas cultuavam a Deusa **Ellen dos Caminhos** – “Todos os caminhos que os homens percorrem estão sob a sua proteção, tanto os caminhos de terra como os do mar. Os mercadores suplicam a sua proteção e, por onde ela passa, as colheitas crescem mais” (p. 58).

### 3.1 – SÍMBOLOS RELACIONADOS AO FEMININO

Em toda a obra observamos que o feminino é retratado em toda a sua mística e os três ou mesmo quatro aspectos da deusa – como

veremos adiante – serão amplamente exaltados. A Deusa, na mítica celta, não é única, mas conhecida por vários nomes. Ela tem múltiplas faces, assim como a lua – “Para que saibas, ela toma tantas formas quantas toma a feminilidade, e, no entanto, é singular e suprema. Ela é eterna e imutável, e, no entanto, apresenta-se-nos como uma forma diferente em cada estação” (BRADLEY e PAXSON, 2001, p. 48).

Em “A Senhora de Avalon” encontramos uma exaltação à **virgem**, a primeira face da Deusa – “Eu sou a Donzela, a Virgem eterna, a Noiva sagrada... / Eu sou todos os começos. / Sou a renovação da alma. / Sou a verdade que não pode ser maculada ou corrompida. / Você jura lutar sempre para que o bem exista?” (BRADLEY, 1997, p. 133).

“A Sacerdotisa de Avalon” também exalta a virgem, como exposto no poema abaixo:

Eu sou a flor que desabrocha no ramo / Eu sou o crescente que coroa o céu. / Eu sou a luz do Sol que cintila na onda / e a brisa que arqueia as ervas novas. / Homem algum jamais Me possuiu, / e, todavia, sou o fim de todo o desejo. / Eu sou a Caçadora e a Sabedoria Sagrada, / Espírito da Inspiração e Senhora das Flores. / Olha para a água e nela verás / O meu rosto espelhado, porque Me pertences... (BRADLEY E PAXSON, 2001, p. 48).

A **mãe** é adorada e venerada como a Fonte da Vida. Seu altar se localiza junto à Natureza-Mãe – lagos, rios, pedras... – “Bendito os pés que a trouxeram a este lugar... benditos os joelhos que se curvarão ante o altar Dela... bendita a porta da vida...” (BRADLEY, 2008, p.199).

A mãe é uma das faces da deusa e simboliza a terra fértil – “Eu sou a Mãe, eternamente fértil, Senhora da Terra. Sou o crescimento e a força, alimento de tudo que vive. Eu mudo, mas não morro jamais. Você servirá à causa da Vida?” (BRADLEY, 1997, p. 134).

Eu sou o fruto que cresce nos ramos. / Eu sou a Lua cheia que governa o céu... / Eu sol, o Sol em todo o seu esplendor, / e o vento quente que amadurece o grão... / Entrego-me na altura e na estação própria, / E produzo abundância. / Eu sou Amante e Mãe, dou à luz e devoro, / Eu sou a amante e a amada, / E um dia pertencer-Me-ás... (BRADLEY E PAXSON, 2001, p. 49).

E chegamos à **anciã**, assim enaltecida: “Eu sou a Velha. A Anciã, a Senhora da Sabedoria. Eu vi tudo, superei tudo, dei tudo. Sou a Morte, sem a qual nada pode se transformar. Você jura que servirá a mim?” (BRADLEY, 1997, p. 134).

O poema abaixo, transcrito de “A Sacerdotisa de Avalon” também ressalta a beleza e inevitabilidade desta face da deusa:

Eu sou a noz que pende do ramo sem folhas. / Eu sou o quarto minguante, cuja foice colhe as estrelas. / Eu sou o Sol quando está no poente /

e o vento frio que prenuncia as trevas, / Estou madura de anos e de sabedoria; / vejo todos os segredos para além do Véu. / Eu sou Bruxa e Rainha das Colheitas, Feiticeira e Sábua, / e um dia tu hás de pertencer-Me... (BRADLEY, 2001, p. 49 e 50).

“As Brumas de Avalon 1” contempla a grandeza da Deusa Sábua – “Você tem este direito, agora; chegou a uma fase em que a obediência pode ser temperada com o seu próprio juízo” (BRADLEY, 2008, p. 184).

“Os Ancestrais de Avalon” nos trazem uma visão estendida da **Deusa Tríplice**, que é apresentada aqui em suas quatro faces, além da donzela, da mãe e da sábua, encontramos a guerreira, a deusa da batalha, aquela que carrega uma espada e tem a face de uma caveira.

Na parede de leste a Deusa era retratada como uma donzeladanchando em meio a flores. A parede do sul ostentava um mural de Caratra como Mãe, entronada com uma criança risonha sentada em seu colo e todos os frutos da terra ao seu redor. Na de oeste estava a representação familiar de Ni-Terat, envolta em véus cinzentos de mistério, coroada com estrelas, mas (n)a parede ao norte [...] a deusa era mostrada de pé com uma espada na mão, e seu rosto era uma caveira (BRADLEY E PAXSON, 2005, p. 176 e 177).

A **foice** como instrumento de vingança, se relaciona à Ceridwen, à quarta face da deusa, à deusa-guerreira. Encontramos a seguir, extraído de “As Brumas de Avalon 4” uma invocação de Morgana, para que uma vingança se faça – “Ceridwen, Deusa-Mãe, Velha Foice, Grande Raven... Senhora da Vida e da Morte... Grande Leitoa, devoradora de seus jovens... Eu a chamo, eu a invoco... se é realmente o que ordena, cabe a você levá-lo até o fim...” (BRADLEY, 2008, p. 24).

### 3.2 – SÍMBOLOS RELACIONADOS AO FEMININO SAGRADO

Para os celtas, o **divino** está conectado à fonte da vida, ao processo criador:

Um é para a Fonte, a origem Divina; inominável, incognoscível, para além da percepção... Dois é para o Deus e a Deusa, masculino e feminino, luz e trevas, todos os opostos que se fundem, se dividem e se fundem novamente ... Três é para a Criança Divina que nasce da união deles (BRADLEY E PAXSON, 2009, p. 33 e 34).

“A Senhora de Avalon” também traz outro exemplo – “O homem e a mulher se unem como sacerdote e sacerdotisa do Senhor e da Senhora. Ele tem o poder do Cornudo que dá aos campos e aos rebanhos, e ela o recebe como a Grande Deusa, Mãe e Noiva” (BRADLEY, 1997, p 248).

Bolen (1996) destaca a relevância do **feminino sagrado** dentro de cada mulher e da beleza de seu encontro:

Devemos nos lembrar de como e quando cada uma de nós passou por uma experiência da Deusa e se sentiu curada e completa [...] São momentos puros, sagrados, atemporais e [...] numinosos [...]. Em algum recanto de nossas almas, nós mulheres nos lembramos de uma época em que a divindade era chamada de Deusa e Mãe. Quando nos iniciamos nos mistérios do feminino, descobrimos que somos as portadoras de um cálice sagrado e que o Graal se manifesta através de nós (p. 79).

Em “Os Corvos de Avalon” encontramos um ensinamento a uma sacerdotisa, representante da deusa: “A Deusa está em todas as mulheres e todas as mulheres são faces da Deusa. É tudo o que você deve ser. Ao criar e ao destruir, Ela gera todas as transformações” (BRADLEY E PAXSON, 2009, p. 115).

Segundo Bolen (1996), em uma **gravidez** saudável podemos ativar o feminino sagrado, quando nós e a deusa poderemos formar um único ser – “A gravidez é, portanto, a barca que conduz uma mulher através das brumas de Avalon e o reino da Deusa” (p. 60).

Em “A Senhora de Avalon” encontramos uma exaltação à gravidez:

Eu sou o Mar do Espaço e a Noite Original, /  
Eu sou o ventre da Escuridão e da Luz; / Eu sou  
o fluxo sem forma, descanso eterno, / Matriz da  
qual toda a matéria se manifesta; / Eu sou a  
Mãe Cósmica, a Grande Profundezas, / De onde  
a vida emerge e para onde retorna para dormir...  
(BRADLEY, 1997, p. 220).

Bernardo (2010) relaciona o Graal com a gravidez – “O Graal, como símbolo da Grande Mãe, do Feminino sagrado, representa tanto o seu aspecto doador da vida e de alimento, como o ventre que recolhe a vida para que essa possa ser recriada, renovada” (p. 31).

O poder do feminino, representante da deusa, é também retratado na lenda do Graal, assim sintetizado por Bolen (1996):

O Graal que Perceval procura, o Graal capaz de curar o rei, o Graal que desapareceu do mundo está nas mãos da Donzela do Graal, que o carrega na procissão do Graal. Se um cavaleiro inocente o vir e perguntar o que aflige o rei ou perguntar a quem o Graal serve, segundo a lenda, o rei será curado pelo Graal e o deserto será recuperado.” (p. 166).

A autora sinaliza que a separação do Graal ou da deusa leva a um estado de ausência de sentido ou de depressão; na lenda do Rei Pescador esta condição é representada pelo deserto. A cura, ainda segundo Bolen, advém da religião vital com a Deusa-Mãe, simbolizada

aqui pela **Donzela**, pela Mãe-Natureza ou, ainda, pelo arquétipo da mãe.

Para as mulheres, a Donzela é a filha sagrada da Grande-Mãe, através da qual as mulheres têm uma sensação íntima da ligação entre a divindade e a feminilidade. Para os homens, a Donzela é apenas outro nome usado para definir a *anima* ou a imagem da alma, o nome atribuído por Jung ao feminino nos homens (p. 168).

Emma Jung e von Franz (1980) aproximam o significado da **mesa** com o feminino maternal visto no seu aspecto de servir a ceia do Graal – “Pelo seu aspecto de mesa de pedra, ela lembra [...] o Graal e, no aspecto em que serve a ceia – quer esta seja comum ou ritual –, ela é, como o Graal, doadora de vida” (p. 124). As autoras, ainda, colocam:

Os contos do Graal descrevem que a mesa é especialmente preciosa [...] Ela é trazida na procissão do Graal, logo após a lança, e é uma lousa [...] transparente (uma pedra avermelhada) colocada sobre dois suportes de marfim [...]. A mesa não é importante apenas por causa da ceia que é servida pelo Graal ou [...] pelo fato de este ser posto em cima dela, mas por ter ainda outros significados nos contos do Graal (p. 121).

**Pote** nos remete ao pote sagrado, ao Graal, ao vaso sagrado.

O Graal [...] sendo um objeto precioso, foi tido e havido como fonte de sabedoria e iluminação interna, de descoberta da maior e melhor essência existente em todo ser humano. Também tido como vaso da alimentação ou da abundância, estará aguardando por todos aqueles que o procurarem (JUNG e VON FRANZ, 1980, p. 17).

Uma das formas de se acessar este feminino sagrado é atravessando o **labirinto**. Este caráter sagrado associado ao labirinto também pode ser encontrado em Chevalier (2003) – “O labirinto também conduz o homem ao interior de si mesmo, a uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso da pessoa humana” (p. 531).

A transformação do eu, que se opera no centro do labirinto e que afirmará à luz do dia no fim da viagem de retorno, no término dessa passagem das trevas à luz, marcará a vitória do espiritual sobre o material e, ao mesmo tempo, do eterno sobre o perecível, da inteligência sobre o instinto, do saber sobre a violência cega (p. 332).

Em “Os Corvos de Avalon”, podemos observar um diálogo entre Boudica e a sacerdotisa Lhiannon, quando esta levou Boudica para sua

iniciação aos mistérios sagrados, em Avalon: “E, quando se atravessa o labirinto inteiro [...], aonde se chega? / No topo do Tor... geralmente. Mas dizem que às vezes o caminho leva para dentro, para o Outro Mundo” (BRADLEY E PAXSON, 2009, p.115). Podemos observar que aqui eles se referem a um caminho construído ao redor do Tor por Tiriki, uma formação labiríntica que conduzia ao topo do Tor onde se encontrava um lugar sagrado – o círculo de pedras.

Outros símbolos, na saga, também podem associar-se ao feminino sagrado. A **rosa vermelha**, desabrochada, segundo Bolen, associa-se à Afrodite e, segundo Chevalier, à Mãe divina – “[...] ela simboliza a taça da vida, a alma, o coração, o amor. Pode-se contemplá-la como uma mandala e considerá-la como um centro místico” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 788). O mesmo autor, ainda a relaciona ao dom do amor, ao amor puro.

Em “As Brumas de Avalon 3” encontramos um pequeno excerto que traz a ideia de que o essencial não está aparente, é potencial a ser desabrochado – “A flor e até mesmo o fruto são apenas o começo. Na semente está a vida e o futuro [...]. E o que eu sou deve ser escondido, como a rosa está escondida dentro da semente” (BRADLEY, 2008, p. 201).

Segundo Jung (2008), “*Aanima* [...] é muitas vezes personificada por uma feiticeira ou por uma sacerdotisa — mulheres ligadas às “forças das trevas” e ao “mundo dos espíritos” (o inconsciente)” (p. 235).

Sou flor dos campos e o lírio dos vales. Sou a mãe do terno amor, do medo, do conhecimento e da sagrada esperança... Sou a mediadora dos elementos, fazendo com que um entre em comunhão com o outro; o que está quente torno frio e o que está frio, quente; o que está seco faço úmido, e vice-versa; o que está rijo eu amacio... Sou a lei na boca do padre, a palavra do profeta, e o conselho do sábio. Mato e dou vida, e ninguém pode escapar às minhas mãos (p. 247).

De acordo com Jung (2008), a **sacerdotisa** assim personifica a *anima*, as tendências psicológicas femininas na psique do homem – “[...] os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente” (p. 234 e 235).

Segundo Bolen (1996), o **vesica piscis**, além de símbolo cristão, tem origem mais remota, ancestral, nos remetendo à imagem da Deusa-Mãe. Este símbolo também pode estar relacionado à tampa do poço sagrado.

*Vesica piscis* significa “vaso do peixe” em latim [...] era um símbolo de Cristo [...] No entanto, antes de se tornar um símbolo cristão, o *vesica*

*piscis* era um símbolo universal da Deusa-Mãe e se encontrava na tampa do poço do Cálice. Sua forma de amêndoa representa o contorno da vulva, através da qual toda a vida provém. [...] A imagem de suas esferas sobrepostas pode ser uma metáfora visual dos momentos em que os mundos se sobrepõem ou se interpenetram e a vida é envolvida em profundidade e significação, quando se dá a intersecção do mundo visível com o invisível, quando o mundo arquetípico e o mundo tangível se encontram, quando o Céu e a Terra, o mundo superior e o mundo inferior, se unem em um momento liminar. Quando podemos ter *insights* místicos e poéticos (p. 109 a 112).

### 3.3 – SÍMBOLOS RELACIONADOS AO FEMININO FERIDO

Alvarenga (2008) descreve uma cena que envolve o Rei Artur e um de seus cavaleiros – Gawain – numa lendária passagem que retrata o aspecto da dinâmica da alteridade que será melhor caracterizada na sequência deste trabalho:

– Não me compete escolher a forma que deverás ter diante de mim ou diante do público ou, ainda, a maneira como deverás te apresentar quer durante o dia, ou à noite. A escolha é somente tua e livre tua decisão (Gawain).

– Terminou por completo o encantamento com tua resposta. Desta forma recupero minha total autonomia (Lady Ragnel).

– Qual é o maior desejo ou qual é a coisa mais importante para a mulher? (Senhor do Castelo).

– O maior desejo da mulher é recuperar a soberania que lhe foi roubada (Arthur) (p. 67).

Vemos assim uma alma feminina ferida que anseia por recuperar sua soberania roubada – este é o desejo primordial da mulher, em especial daquelas nascidas nos anos de ápice do patriarcado.

Ainda segundo a mesma autora, num sentido amplo, o Graal traz a realização plena do feminino – “A maior de todas as liberdades reclamada pelo Graal é para a atualização de feminino em sua plenitude, [...] em sendo uma mulher, significa atualizar-se como totalidade ímpar” (p. 72).

Nos quatro volumes de “As Brumas de Avalon”, como também nos títulos que os antecedem no tempo histórico, em especial em “A Casa da Floresta” e em “A Senhora de Avalon” encontramos o esforço das sacerdotisas de Avalon para perpetuarem e preservarem toda a sabedoria do povo antigo, a sabedoria da deusa, da terra, da mãe natureza massacrada pela dominação romana e pela difusão do cristianismo.

Segundo Chevalier (2003), **bruma** é:

Símbolo do indeterminado, de uma fase de evolução: quando as formas não se distinguem

ainda, ou quando as formas antigas que estão desaparecendo ainda não foram substituídas por formas novas precisas [...] acredita-se que o nevoeiro preceda as revelações importantes; é o prelúdio da manifestação (p. 634).

Em termos arquetípicos podemos comparar o **feminino ferido** massacrado pelo patriarcado dominador, em ebulição, próximo de sua manifestação e de seu desabrochar às brumas que ocultam Avalon. E Morgana falou:

Todos os deuses são um só Deus e todas as deusas são uma deusa, e há apenas um iniciador. E a cada homem a sua verdade, e Deus com ela. Assim, talvez a verdade se situe em algum ponto entre o caminho para Glastonbury, a ilha dos padres, e o caminho de Avalon, perdido para sempre nas brumas do Mar do Verão (BRADLEY, 2008, p. 11).

#### 4 – SÍMBOLOS RELACIONADOS AO PATRIARCADO

Na mítica celta, o patriarcado é representado pelo período de dominação romana e pela consolidação do cristianismo como religião única.

Emma Jung e von Franz (1980) pontuam: “Como arma masculina, a ‘espada’ simboliza o poder [...]. Trata-se de um instrumento que serve para dominar as forças inimigas” (p. 59). Vemos, assim, que a **espada** é símbolo representante do patriarcado. Entretanto, como podemos ver na história de Percival, ela lhe é oferecida pela Donzela do Graal – “As armas necessárias ao domínio do mundo e da vida são oferecidas, através da *Anima*, pelo fundo materno do inconsciente” (p. 59).

Ainda de acordo com as autoras, a espada ainda pode apresentar outros significados – “Como arma de corte ela serve também para separar, e em sentido figurado, para “distinguir” [...] julgar após pensar” (1980, p. 60). A espada recebida por Percival representa, assim, o desenvolvimento de sua consciência.

Ainda as autoras alertam: “É preciso, no entanto, chamar atenção para o fato de que, mesmo sendo uma excelente arma, pode, em determinados casos, ser traiçoeira”(p. 60).

As espadas possuíam nomes próprios. A do rei Artur era conhecida por Excalibur que significava aço cortado. Na história dos celtas, conta-se que as espadas eram forjadas a partir de meteoros que caíam do céu. “As Brumas de Avalon 1” fazem alusão ao valor destas espadas – “Espadas feitas de ferro de meteorito eram raras e preciosas; esta bem poderia ter o preço de um reino” (BRADLEY, 2008, p. 215).

Emma Jung e von Franz (1980) apontam o sentido da **lança** dentro da lenda de Percival e da simbologia do Graal. Assim as autoras falam:

Do mesmo modo que a espada, também a

lança (ou o dardo) é um símbolo masculino, mas a sua característica não é a agudeza ou a distinção, mas o apontar e acertar. Essa característica manifesta-se especialmente no dardo [...] Tal característica pode ser entendida no sentido figurado como a orientação para um objetivo ou aspiração consciente ou para as possibilidades distantes postas na mira e alcançadas. Psicologicamente, poder-se-ia comparar isso com a intuição (p. 61).

Para encontrar o Graal, que simboliza a integração masculino x feminino, Percival, precisava reunir armas ‘masculinas’ como a espada aliadas à agudeza e armas mais ‘femininas’ aliadas à intuição como a lança.

De acordo com Bolen (1996), assim podemos nos aproximar do conceito de **ferimento**, num plano psicológico:

O ferimento pode simbolizar a situação do ego sendo afastado do Self, em que a separação é a ferida que nunca cicatriza e provoca uma dor contínua sob a forma de ansiedade e depressão crônicas e persistentes. A ferida do rei Pescador é o problema psicológico dos tempos modernos. Todos os tipos de subterfúgio, do fumo ao acúmulo de riqueza, são esforços insatisfatórios para se sentir melhor (p. 46).

A lenda nos conta que a ferida do Rei-Pescador se localizava na coxa, ou na genitália. Segundo a mesma autora, isto nos autoriza a pensar que também se fragilizam a sexualidade, a criatividade e a geratividade. Por esta razão, o reino é um deserto. Em termos psicológicos, ainda na visão de Bolen (1996), a isto corresponderia o ‘deserto interno’:

Na vida humana, vivenciamos essa ferida quando perdemos o contato com o que sentimos, quando nos vemos privados da espontaneidade, quando estamos tão preocupados com a produtividade que não valorizamos mais o amor, a beleza ou o divertimento. Essas atitudes que nos colocam fora de contato são alimentadas pelo patriarcado com sua ênfase na aquisição de poder, levando à perda da alma e à desvalorização da *anima* ou do feminino nos homens (p. 164).

Este estado da existência corresponderia à depressão – “O resultado é uma depressão árida e monótona. Não há lágrimas ou desgosto. A existência é desprovida de alegria” (Bolen, 1996, p. 166). Na história da Bretânia, como apontam Bradley e Paxson, a dominação romana levou à morte e devastação. O patriarcado, destituído do feminino, não sobrevive.

A ferida que resulta da ruptura da ligação ego-Self representa o ferimento que não pode ser curado tal qual o do Rei Pescador. Sobre a possibilidade de **cura da ferida** do Rei Pescador que guardava o Graal em seu castelo devastado

em razão de seu ferimento que o imobilizava, Bolen (1996) abordou:

Talvez somente o elemento jovem, ingênuo, inocente – tolo – contido na psique possa vivenciar a maravilha e a reverência do Graal e possa formular perguntas sobre a significação, que possam então conduzir à recuperação de uma conexão com o ego e o Self (p. 47).

Na lenda do Rei-Pescador, seu reino é um **deserto** porque ele carrega uma ferida que não se cura. Apesar de seu castelo guardar o Graal, o rei não pode alcançá-lo devido à sua ferida. O Graal inalcançável será a sua cura e a salvação de seu reino.

Bolen (1996) assim retratao deserto:

O deserto é uma metáfora da árida paisagem psicológica, onde a criatividade e geratividade estão ausentes, onde nada floresce e a vida é sem sentido e emocionalmente monótona. Como metáfora, o deserto é também uma experiência humana da vida real que pode ser vividamente aterrorizante (p. 155).

Para Alvarenga (2008), o deserto traduz a dissociação extremada da dinâmica patriarcal, onde o rei é apartado de sua rainha – “Não há como haver fertilidade quando o feminino está dissociado do masculino” (p. 54).

São muitas as lendas contadas sobre os Cavaleiros do Rei Arthur, numa delas Gawain recebe do Senhor do Castelo três **presentes** – um gamo (cervo), um javali e uma raposa. “O gamo representa a juventude, o sangue novo do renascimento e a condição de transformação [...]”. Receber esse animal de presente configura, simbolicamente, adquirir poder sobre a vida e sobre a morte” (p. 63). Para Angwin (2008), cervo se relaciona ao princípio feminino, à mansidão, receptividade, consciência e compaixão. Para Chevalier (2003), renascimento e renovação cíclica. “O javali representa a competência para a aquisição do poder espiritual, de onde resulta a incorporação do verdadeiro conhecimento: somente por meio dele Gawain poderá combater seu medo do desconhecido” (p. 63). Para Angwin, o javali está a serviço da Grande-Mãe. “A raposa, expressão da esperteza e sagacidade, confere as condições necessárias à emergência plena do arquétipo do herói dos novos tempos...” (p. 63) e a raposa se associa à astúcia, dissimulação, velocidade, estratégia, oportunismo, observação e discrição.

Segundo a lenda de Percival, este ficou preso na floresta por cerca de cinco anos, pois ao encontrar o castelo do Graal, não fez as ‘perguntas certas’.

Os Percevals contemporâneos, tanto mulheres como homens, também podem involuntariamente encontrar o outro mundo durante perturbadores períodos de transição [...]

através de sonhos, acontecimentos sincrônicos e projeções. Se temos uma experiência do Graal e depois a desperdiçamos [...] intimamente perturbados, descobrimos que estamos perdidos e perambulando, como Percival, na “floresta” (BOLEN, 1996, p. 135).

E quais são as ‘perguntas certas’ que devemos fazer ao encontrar o Castelo do Graal e fugir de nossa **prisão** interior? Segundo a mesma autora, as perguntas têm o mesmo sentido de:

Quem sou eu? Por que estou aqui? Qual o sentido da minha vida? Qual é a minha responsabilidade diante do todo? ou então: Quem sou eu, que estou fazendo aqui, que tudo isso tem a ver comigo e qual é a minha responsabilidade daqui para a frente?, ou seja: Quem serve ao Graal? [...] A resposta, quando encontrada, devolve ao humano a inteireza de ser (BERNARDO, 2010, p. 30).

## 5 – SÍMBOLOS RELACIONADOS À DINÂMICA DO CORAÇÃO

Segundo Alvarenga (2008), os **cavaleiros arturianos** despontam como heróis de um novo tempo, o tempo da alteridade, oferecendo a possibilidade de ruptura da cultura romana dominante, centrada no patriarcado, indo à busca do Graal, permitindo a integração da *anima*, o casamento sagrado – a *coniunctio*.

Esses heróis anunciam a passagem da dinâmica patriarcal, padrão da consciência de dever, do cumprimento da tarefa, para a dinâmica pós-patriarcal, dinâmica do alter, do Eu-Outro como centro da consciência, dinâmica do Coração, continente da consigna da fidelidade e da lealdade como princípios soberanos. Servir ao outro não implicará submissão, mas, sim, escolha, dedicação, servir por amor, por amizade (p. 45).

Em “Teia de Luz” podemos receber o **amor** com encantamento:

O amor, sempre e onde quer que seja encontrado, mesmo que perdure apenas por uns poucos momentos, só pode proporcionar alegria... se não for frustrado! É uma coisa maior que vocês dois. Não se interponha no caminho do amor... nem no seu próprio caminho! (BRADLEY, 1987, p. 34).

Em “Os Corvos de Avalon”, durante o cerimonial do casamento de Boudica e Prasutagos, o amoré exaltado poeticamente em seus votos:

Tu és a lua entre as estrelas, / Tu és a espuma da onda, / Tu és o lírio entre as flores, / Tu és a fagulha que inicia a chama, / Tu és a amada.

Tu és o sol sobre as nuvens, / Tu és a onda que quebra na praia, / Tu és o carvalho da

floresta, / Tu és a tocha que ilumina o salão, / Tu és o amado.

Tu és a brisa que esfria a frente, / Tu és o poço da água doce, / Tu és a terra que aninha a semente, / Tu és o forno que assa o pão, / Tu és a amada.

Tu és o vento que balança o carvalho, / Tu és a chuva que enche o mar, / Tu és a semente dentro da terra, / Tu és o fogo na lareira, / Tu és o amado. (BRADLEY E PAXSON, 2009, p. 145, 146 e 150).

Embalando-nos neste amor poético, podemos lembrar que “A razão do amor é o amor, a razão de amar a amada, é a amada. E a medida de amá-la, é de amá-la sem medida” (CAZEMAVE apud ALVARENGA, 2008, p. 27).

Ainda segundo Alvarenga (2008):

O amor cortês representa a possibilidade de resgatar o feminino alijado da consciência e torna a busca do Cálice Precioso a expressão simbólica da demanda da integração desse feminino. A Grande Deusa passa a compor, explicitamente, o processo de transformação em andamento, como realidade muito mais próxima de promover a estruturação de consciência da dinâmica pós-patriarcal (p. 29).

A possibilidade de vivenciar este amor que nos permite uma plena integração masculino x feminino – tanto em termos simbólicos, arquetípicos, quanto em termos vivenciais na relação com o Outro – representa, em última análise, o encontro do Graal, o que existe de mais sagrado em nós. Em “As Brumas de Avalon 4” a rainha Gwenhwyfar (Guinevere), ao se despedir de seu amado Lancelote e fechar-se na clausura do convento, pensou: “Meu amor por você é uma prece. O amor é a única prece que conheço” (BRADLEY, 2008, p. 226).

Podemos observar a ligação do povo celta com a terra – símbolo da deusa e do feminino – como também a importância de uma relação de simetria entre o homem e a mulher – “O Deus se uniu à Deusa. O Senhor com a Terra!” (BRADLEY, 1997, p. 147). Assim como Alvarenga (2008) enfatiza a importância da integração e simetria na relação Eu-Outro: “Somente o novo tempo da consciência, traduzido pela composição Eu-Outro poderá abrir caminho para a integração definitiva da *anima*, com o que a relação com o outro se fará em uma condição de simetria” (p. 59).

Precisamos, ainda, pensar no conceito de casamento sagrado não apenas no tocante à relação Eu-Outro, mas também no casamento interior feminino-*animus* ou masculino-*anima*. Uma vez mais Alvarenga (2008) pontua:

A demanda do novo tempo, dinâmica do Coração, implica ocupar-se da relação e, portanto, de si e do outro [...] determina que a medida do amor, do cuidado e da atenção para

com o Outro deverá ser a mesma exercida para consigo mesmo (p. 42).

Na busca do **Graal** os cavaleiros saem à procura do Cálice Sagrado. Esta busca é, sobretudo, uma busca interna, em que os cavaleiros “[...] deixam para trás suas vidas cotidianas e partem em busca de algo que lhes falta, sem necessariamente saber o quê” (BOLEN, 1996, p. 39).

Segundo Alvarenga (2008), O Graal é considerado um “[...] símbolo do continente da abundância, da inspiração e da sabedoria, configura a melhor expressão do símbolo feminino estruturante da psique dos novos tempos” (p.31).

Ainda, segundo a mesma autora:

O Graal é, assim, a busca do encontro consigo mesmo, expressando a dinâmica do *coniunctio*, do casamento por amor congregando as pessoas para a transformação da relação. O símbolo Outro torna-se discriminado para a consciência: a integração da alma-*anima* se faz (p. 32).

E, sintetizando, a autora conclui: “O Graal representa, assim, a emergência simbólica maior de como o Outro, buscado pelo Coração, pode nos traduzir” (p. 32) e salienta que este processo sempre ocorrerá por etapas.

## 6 – A DINÂMICA CÓSMICA – Símbolos Relacionados aos Elementos da Natureza

Durante os ensinamentos de um druida ou de uma sacerdotisa eles enfatizavam muito o sentido da **igualdade** entre os povos, entre homens e mulheres, entre deuses e deusas, entre o deus cristão e os deuses de Avalon e isto numa época de dominação romana do povo celta. Em “A Senhora de Avalon” encontramos muitas lições desta valorização da igualdade– “Diante dos deuses, nada importa além do que você puder criar para si mesmo” (BRADLEY, 1997, p. 38), ou “Todos os homens têm almas que são iguais para o verdadeiro Deus [...] a sua é como qualquer outra” (p. 56) ou ainda “A macieira não é mais sagrada do que o carvalho, nem o trigo é mais que a cevada. Cada um tem a sua função [...]. Aos olhos da deusa, todos os caminhos são iguais e honrados” (p. 206).

A busca pela igualdade foi um dos ensinamentos transmitidos pelos ancestrais de Atlântida que não poderia se perder, e também aparece em “As Brumas de Avalon 1” no juramento que Viviane pede ao Rei Arthur ao lhe ofertar a espada sagrada: “Apenas isto: tratar com justiça todos os homens, quer sigam ou não o deus dos cristãos, e reverenciar sempre os deuses de Avalon” (p. 219).

Avalon guardava os quatro **tesouros sagrados** – a Espada, a Lança, o Prato e o

Cálce. Em “A Senhora de Avalon”, as donzelas aprendiam a seguinte lição, transcrita no excerto abaixo:

Para vocês, basta saberem quais são os Tesouros e o que significam. Aprendemos que o Símbolo não é nada e que a Realidade é tudo... e a realidade que esses símbolos representam é a dos quatro elementos com os quais tudo é feito... Terra, Água, Ar e Fogo... Nós falamos sobre os elementos, mas na verdade não os compreendemos. Os símbolos são o que nossa mente usa para fazer mágica... (BRADLEY, 1997, p. 370).

Também em “As Brumas de Avalon 1” encontramos uma bela descrição dos quatro tesouros relacionados aos **quatro elementos**, uma vez mais reforçando a estreita conexão do povo celta à natureza:

[...] e vislumbrou as Sagradas Insígnias dos druidas, guardadas em Avalon, desde que os romanos haviam incendiado os bosques sagrados – o prato, a copa, a espada e a lança, brilhando e lampejando aos quatro elementos: o prato de terra, a copa de água, a espada de fogo e a lança do ar... (p. 103).

Então, podemos observar que, para os celtas, a natureza tinha um caráter sagrado, uma conexão direta com a Deusa. A natureza se constituía um representante simbólico da Deusa. Assim, podemos relacionar os símbolos ligados à natureza com os elementos representantes do todo, do cosmos.

Em “Os Corvos de Avalon” (2009) encontramos a **água** em seu sentido de limpeza e purificação:

Agora deixem que a água leve toda a sujeira. Deixe que a água dissolva todos os laços que as prendiam, e que seja lavado tudo o que ocultava o verdadeiro eu de vocês... Sintam a carícia da água em seus corpos e lembrem-se da água de onde nasceram (p. 323).

Já em “A Senhora de Avalon” (1997) a água aparece remetendo-nos à fonte da vida:

Eu sou a dissolução de tudo que já existiu. De mim nasce tudo que virá. Abraça-Me e Minhas águas escuras poderão embalá-la, pois sou o Caldeirão do Sacrifício. Mas sou também o recipiente do nascimento, e das Minhas profundezas você poderá renascer (p. 398).

Em “As Brumas de Avalon 1” (2008) encontramos uma bela descrição do conceito simbólico de **eclipse**:

Explicaram-lhe como o Sol e a Lua se moviam e por que, de vez em quando, um deles se colocava na frente do outro. Eram coisas da natureza, e a crença do povo comum sobre a face dos deuses eram símbolos de que tais

pessoas [...] precisavam para visualizar as grandes verdades. Um dia, todos os homens e mulheres conheceriam as verdades interiores (p. 181).

Chevalier (2003) traz o eclipse como anunciador de uma transformação: “De um modo geral, o eclipse apresenta-se como anunciador de desregramentos cataclísmicos no final de um ciclo, que exige intervenção ou reparação, com vistas a preparar a vinda de um ciclo novo...” (p. 355), o que nos traz de volta à dinâmica da alteridade.

Em “Os Ancestrais de Avalon” (2005) observamos um exemplo de um culto a um **equinócio**:

Que o Dia tenha por limite a Noite... / Que a Escuridão seja equilibrada pela Luz / Terra e Céu e Sol e mar, / Uma cruz circundada para sempre será

Que a dor abra um espaço para a alegria, / Que o luto se dissolva em júbilo, / Passo a passo para abrir nosso caminho, / Até a Escuridão se unir com o Dia

Cada estação é limitada pela que a segue, / Encontros e partidas formam o círculo, / O centro sagrado é a moldura que nos cinge / Onde tudo está sempre em mutação, tudo sempre igual...

Em movimento maior torna-se nossa quietude, / Apaixonados, somos contidos pela força da vontade, / Girando em perpetuidade, / Enquanto o Tempo se torna Eternidade... (p. 23, 24 e 25).

“Os Corvos de Avalon” explicita o sentido do equinócio e também traz um ritual de culto ao mesmo: “No equinócio o mundo oscilava entre a velha e a nova estação. O que se fizesse naquele momento levaria a sorte da nova estação pender para uma ou outra direção” (BRADLEY E PAXSON, 2009, p. 79). No poema a seguir, observamos este culto – “Dia e noite se igualam, / Luz e sombra se equilibram... / Este é o dia, e esta é a hora, / De escolher o alvo, de fazer crescer o poder agora...” (p. 168).

A **floresta** é imagem simbólica do inconsciente. Uma vez mais, encontramos em Bolen (1996), uma rica descrição de seu conteúdo simbólico:

A floresta, o labirinto, o outro mundo, o mundo subterrâneo, o mar e as profundezas do oceano são descrições poéticas e simbólicas de como percebemos o inconsciente como um reino. É nele que nos encontramos quando estamos perdidos, é para onde precisamos ir para nos encontrar. A individuação, a necessidade de viver de nossas próprias profundezas de forma autêntica e evolucionária, é uma jornada que conduz o ego à floresta (p. 137).

E é para a floresta que nos encaminhamos em nossos sonhos e pesadelos quando nos sentimos perdidos, ameaçados, inseguros, em situações de

crises de vida, quando o ego se encontra ameaçado, ferido – “No meio da jornada da vida, tendo perdido o caminho verdadeiro, achei-me embrenhado em selva perigosa” (DANTE apud BOLEN, 1996, p. 136).

Uma vez ‘embrenhado em selva perigosa’, como podemos sair? A resposta, mais uma vez, vem de Bolen – “Uma vez na floresta, devemos descobrir dentro de nós mesmos aquilo de que precisamos para sobreviver”(p. 138)e, ainda, “A floresta é um lugar de desenvolvimento da alma para pessoas que são Percivals, um momento de aprender sobre sofrimento e compaixão, humildade e humilhação, sabedoria feminina e o misterioso Graal.” (p. 143).

E, uma vez embrenhado na floresta, quanto tempo lá ficaremos? Bolen nos ensina: “Percival passou mais de cinco anos na floresta [...] esse é o tempo em que as pessoas em uma história de individuação levam para “sair do perigo” e entrar plenamente na próxima fase de sua vida” (p. 152).

Sobre a **lua**, símbolo do feminino, o que mais podemos trazer além de versos e poesia? – “Lua nova, lua vera / Trazei-me vida nova, sem demora!” (BRADLEY e PAXSON, 2005, p. 329) e “Que a dor abra um espaço para a alegria, / Que o luto se dissolva em júbilo, / Passo a passo para abrir nosso caminho, / Até a Escuridão se unir com o Dia” (p. 385). E, ainda mais – “Sobre essas antigas árvores sagradas / Tua doce luz prateada agora é lançada; / Desvela tua face para que possamos ver / À noite, ela brilha desvelada...” (BRADLEY e PAXSON, 2009, p. 28). A lua, para os celtas, representa a Deusa.

O povo celta sempre clamava por **luz** em seus cultos e rituais, simbolizando iluminação, esperança, aprendizado, busca de um novo sentido – “Abençoada a Luz em nossa aurora interior, mostrando o caminho para despertar, para aquecer. Abençoada seja a Luz que vive em todo o coração pulsante. Abençoada a Luz de que cada um e todos são feitos” (BRADLEY E PAXSON, 2005, p. 189). Ou, ainda – “Da escuridão surge a luz; / De nossa cegueira, a visão; / Que as sombras desapareçam!” (BRADLEY, 1997, p. 61).

A Luz da Vida apareça! / Assim queima o Fogo Sagrado! É hora do triunfo da luz...  
Através da união de nossas forças manteremos este fogo aceso durante as horas mais escuras e seremos vitoriosos. / Este fogo será um farol, a luz que será vista em todas as terras (p. 220).

**Noite** se relaciona com o inconsciente. Também se associa ao ciclo da vida, noite e dia. Observamos a seguir, alguns excertos da saga que traduzem estas ideias: “Oh, Fonte de Estrelas em esplendor / Que se mostram no manto da Tua escuridão, / Concede-nos um sono reparador / E esta noite, o conhecimento de Tua bênção” (BRADLEY e PAXSON, 2005, p. 38).

O sol nos abandonou... Hoje ele reinou supremo, mas agora a noite chegou. Deste momento em diante, o poder da luz vai diminuir, até o frio do Solstício de Inverno dominar o mundo [...] mas sabemos que no coração da escuridão do Solstício de Inverno a luz renascerá (BRADLEY, 1997, p. 336 e 337).

Noite também se relaciona ao significado da sombra, e este sentido também é encontrado na obra – “Ficai longe de mim, tudo que vive no mal. Ficai longe do sinal dos Seus passos e da sombra de Seu véu. Aqui busco refúgio, sob a cortina da noite e o círculo das Suas alvas estrelas” (BRADLEY e PAXSON, 2005, p. 79).

Construções em **pedra** eram consideradas templos sagrados para os celtas. Como exemplos, temos o círculo de pedras no cume do Tor e o Círculo de Pedras hoje conhecido como Stonehenge. Sobre o último, encontramos uma citação de Micail em “Os Ancestrais de Avalon” – “As pessoas comuns podem julgar que pedras são coisas sem vida, mas dentro daquelas pedras ele percebia um potencial para um poder cumulativo muito maior. Esse já podia ser percebido, em certa medida, ao raiar do dia e ao pôr-do-sol” (p. 285).

Em Chevalier (2003), observamos que “[...] existe entre a alma e a pedra uma relação estreita” (p. 696). Em “A Sacerdotisa de Avalon” (2001) encontramos que “A pedra é eterna. A pedra guarda recordações” (p. 292).

Ainda segundo Chevalier: “A pedra cônica representa o elemento masculino e a pedra cúbica, o elemento feminino. Se o cone repousar sobre um pedestal, reúnem-se assim os princípios masculino e feminino” (p. 696), o que nos remete ao Graal.

O símbolo **semente** também aparece na obra. Em “Os Ancestrais de Avalon” (2005), na despedida de Micail e Tiriki de seus pais, Deoris os advertiu:

Não existe Força alguma no mundo que não tenha um propósito. O caos que Dyaus traz será como um grande vendaval que arranca as folhas das árvores e espalha as sementes para longe. Vocês nasceram para preservar essas sementes, meus filhos, gloriosos galhos da árvore perene de Atlântida, libertados de sua deteriorização, livres para criar raízes em novas terras (p. 77).

Em “As Brumas de Avalon 4” (2008) encontramos um ensinamento que aponta para a necessidade de uma relação de simetria, do encontro feminino x masculino, da ativação da dinâmica da alteridade, para que a semente seja fértil:

Flor, fruto e semente. E todas as coisas retornam e crescem e procuram a luz, e por fim entregam-se novamente à proteção da Senhora. Mas ela, que trabalha sozinha e silenciosa no

coração da natureza, não pode exercer seus mágicos poderes sem a força Dele, que corre junto ao cervo, e sob o sol do verão explora a riqueza do seu ventre (p. 30).

Considerando o grande valor dado pelos celtas aos elementos da natureza, ao **sol**, símbolo do masculino, sem o qual a vida não é gerada, eram exaltados os mais lindos louvores, como observamos nos dois poemas a seguir, extraídos de “Teia de Trevas” e “A Sacerdotisa de Avalon”, respectivamente: “Ó bela no horizonte do leste, / Eleve sua luz para o dia, Ó Estrela do Leste, / Estrela do dia, desperte, se eleve! Geradora da Vida, desperte! / Alegria e criadora da Luz, levante! / Ó bela no horizonte do leste, / Estrela do Dia, desperte, levante!” (p. 240 e 241) e “Ave, Sol resplandecente e soberano, / Adoramos a Tua glória, ó Sol sagrado! / Ajuda-nos e sara-nos, até que, como nas alturas, / Aqui haja beleza e todos conheçam Teu amor...” (p. 146).

Os celtas, em sua mítica, entendiam o conceito de **teia** da vida, que já em “A Queda de Atlântida” (1987) se destaca – “Nossos destinos tecem as suas teias e nossas ações geram os frutos que semearam. Aqueles que se encontram e se amaram não podem ser separados; se não se encontram nesta vida, encontram-se na outra” (p. 34).

Em “A Sacerdotisa de Avalon” (2001), o papel do destino, enquanto um grande tecelão, pode ser observado – “Os Destinos tecem as nossas vidas à sua vontade não como tu ou eu desejaríamos que fossem” (p. 121).

Em “A Senhora de Avalon” (1987), um druida ensinou sobre a **tempestade**:

Quando você vê as nuvens vermelhas e carregadas, sabe que vai ser um dia tempestuoso, não é? Mas sabe dizer exatamente em que momento a chuva vai cair, se será muita ou pouca água? É assim que funciona o tempo dos mundos interiores. Eu conheço suas marés e seus ciclos. Conheço os sinais e vejo seu poder. Eu vejo poder em você, criança. As marés astrais ondulam à sua volta, assim como a chuva que se espalha sobre uma árvore oculta. Pode não servir de consolo agora, mas sei que você está aqui com um propósito (p. 98).

Enquanto a tormenta pode prenunciar uma revelação, a tempestade é uma manifestação da cólera divina e, às vezes, um castigo. Chevalier (2003) ressalta este aspecto, trazendo uma citação do livro bíblico Jó – “Penetraste até as fontes marinhas, /circulaste no fundo do abismo? /As portas da morte foram-te mostradas, /Viste os guardiões do país da Sombra?(Jó 38,8-17)” (p. 874).

“As Brumas de Avalon 1” (2008) trazem um questionamento para além do exposto para o símbolo tempestade, como observamos acima.

Os violentos fenômenos da natureza, como tempestades, **terremotos** e maremotos podem trazer um significado para além da fúria e castigo divinos, mas um processo de reorganização da própria natureza, também em busca de seu equilíbrio e perfeição. Observemos no excerto abaixo, como Uther desenvolveu esta ideia, numa conversa com Igraine em:

A terra treme no grande oceano além do oceano que conhecemos e, embora o povo da Atlântida falasse de terras perdidas de Mu e Hy-Brasil, ainda assim sei que no oceano maior além do sol poente a terra treme, e ilhas aparecem e desaparecem, mesmo quando o povo nada sabe do pecado ou do mal, mas vive como os inocentes, antes que Deus nos desse o conhecimento para escolher entre o bem e o mal. E se os deuses da terra lançam a vingança contra os inocentes e os pecadores, sem distinção, então esta destruição não pode ser castigo dos pecados, mas algo da própria natureza. Não sei se há uma finalidade nessa destruição, ou se a terra ainda não se consolidou em sua forma final, assim como nós, homens e mulheres, ainda não somos perfeitos. Talvez a terra também lute para evoluir a sua alma e aperfeiçoar-se (p. 70).

## 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizando, podemos dizer que todas nós somos filhas da Deusa e que trazemos em nós – submerso em nosso Inconsciente – a sua divindade e a sua sabedoria e que para resgatá-la, para acessá-la, precisamos chamar a barca e atravessar o lago e dizer as palavras certas. Em contrário, correremos o risco de nos perdermos. Uma outra forma de acesso à Deusa, é atravessar o labirinto que nos conduzirá ao interior de nós mesmas, ao nosso espaço sagrado. Aprendemos, também, que a deusa tem três faces – a donzela, a mãe e a sábia – e, em algumas ocasiões, uma quarta face, a guerreira, que pode nos parecer feia e cruel. Aprendemos com a mãe natureza, seus ciclos, o dia e a noite, as estações do ano, os equinócios e solstícios, o nascimento, a criança, os sacrifícios, a morte e o renascimento.

Reconhecemos os presentes que a mãe-natureza nos oferta – a água, o ar, a floresta, o fogo, as flores, a lua, a luz, o sol, as sementes e a terra. Para trilhar nossos caminhos e seguirmos nossas trajetórias nos são oferecidos múltiplos recursos como cajados, espadas, lanças, pratos, potes, vasos e teares. Seguimos nossos destinos, atravessamos desertos, somos ofuscados por eclipses, caminhamos até castelos onde encontramos fadas, magos e reis. Encontramos animais poderosos que recebemos como presentes e dos quais devemos retirar aquilo de que precisamos.

Visitamos a lenda do Graal e aprendemos com Percival as perguntas que precisamos fazer ao

encontrá-lo. Se não as fizermos, decerto o perderemos, nossa vida continuará um deserto e as feridas não terão cura – “Quem sou eu? Por que estou aqui? Qual o sentido da minha vida? Qual é a minha responsabilidade diante do todo?” (ALVARENGA, 2008, p. 83).

O Graal, símbolo da plenitude, representa em última instância, a integração masculino x feminino, o casamento sagrado, a cura do feminino ferido. A busca do Graal é uma jornada heróica, rumo ao encontro de Si-Mesmo, é um processo de individuação.

O caminho de Avalon, é o caminho para o resgate do feminino ferido, massacrado pelo patriarcado opressor. Para as mulheres, Avalon representa o resgate do feminino sagrado, a integração feminino x *animus* que permitirá uma relação de simetria com o Outro externo, na dinâmica da alteridade. Para os homens, o caminho de Avalon representa uma relação saudável com sua *anima*, sem o que tal simetria não se realizará.

Ao fazer um trabalho como este, mergulhar numa teia mítico-religioso-histórica, onde lenda, ficção e dados históricos se encontram emaranhados, a palavra final que posso trazer é que ao debruçarmos sobre esta saga, nos abrimos para um mundo arquetípico simbólico. A própria autora comenta, na introdução de “Teia de Trevas”:

De onde tira suas idéias? Sei que a pessoa que pergunta está apenas procurando [...] alguma percepção sobre um processo criativo que lhe é desconhecido; [...] posso sinceramente responder que não tenho a menor ideia. De onde vêm os sonhos? (BRADLEY, 1987, p. 243).

Ao correlacionar sua obra com os sonhos, a autora nos abre as portas para o mundo inconsciente coletivo, cujo acesso se faz por meio de um processo criativo.

Além do acesso ao universo feminino, ao mundo da Deusa, a obra faz menção ao mito do Graal. Esta breve amplificação não pretende esgotar suas possibilidades de desdobramentos, visto a imensidão do universo feminino e a grandiosidade do mito do Graal. Trazemos de Alvarenga (2008), uma profunda reflexão sobre este mito:

O mito do Graal é grandioso, mas não totalmente inteligível até hoje. Pelo fascínio que causou e causa, pelos personagens que encerra e, mais, pela figura de Merlin, continua sendo um enigma, não desvendado, fascinante por natureza e que nos remete a incontáveis associações. Ainda é uma lenda que tem riqueza de conteúdos não compreendidos em sua totalidade (p. 99).

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, M. Z. **O Graal – Arthur e Seus Cavaleiros**: Leitura Simbólica. 2ª ed, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- ANGWIN, R. **Cavalgando O Dragão**: O Mito e a Jornada Interior. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – Correlação Entre Temas e Recursos – Volume V: A Alquimia nos Contos e Mitos e a Arteterapia: Criatividade, Transformação e Individuação**. São Paulo: Editado pela Autora, 2010.
- BOLEN J. S. **O Caminho de Avalon – Os Mistérios Femininos e a Busca do Santo Graal**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- BRADLEY M. Z. **A Queda de Atlântida I**: Teia de Luz. 3ª ed, São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Queda de Atlântida II**: Teia de Trevas. 3ª ed, São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Casa da Floresta**. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A Senhora de Avalon**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. **As Brumas de Avalon – Livro 1: A Senhora da Magia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. **As Brumas de Avalon – Livro 2: A Grande Rainha**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. **As Brumas de Avalon – Livro 3: O Gamo-Rei**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. **As Brumas de Avalon – Livro 4: O Prisioneiro da Árvore**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. e PAXSON, D. L. **Os Ancestrais de Avalon**: O Fascinante Relato do que Aconteceu Antes de as Brumas de Avalon. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2005.
- \_\_\_\_\_. e \_\_\_\_\_. **A Sacerdotisa de Avalon**. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2001.
- \_\_\_\_\_. e \_\_\_\_\_. **Os Corvos de Avalon**. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2009.
- CHEVALIER J. & GUEERBRANT A. **Dicionário de Símbolos**: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. 18ª ed, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. 2ª ed especial brasileira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.A., 2008.

JUNG, E. e FRANZ, M. L. **A Lenda do Graal** – do Ponto de Vista Psicológico. São Paulo: Cultrix, 1980.